



MAJOR SHOJI

Oficial Formulador Doutrinário do
Centro de Doutrina do Exército.

OPERAÇÃO CORE: JANELA DE OPORTUNIDADE PARA O FORTALECIMENTO DA FORÇA TERRESTRE

As relações de diplomacia militar entre Brasil e Estados Unidos têm raízes sólidas, com marcos históricos relevantes desde a Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil enviou a Força Expedicionária Brasileira para combater ao lado do V Exército norte-americano na Itália. Essa parceria inicial estabeleceu as bases para uma cooperação que, ao longo das décadas, evoluiu para atender às demandas estratégicas de segurança tanto regional quanto global.

No século XXI, essa aliança foi fortalecida por novos acordos de defesa, impulsionando a troca de tecnologias e a realização de exercícios (Exc) combinados. Entre esses, destaca-se o *Combined Operation and Rotation Exercise* (CORE), iniciado em 2021, cujo objetivo é aprimorar a interoperabilidade e a prontidão das forças armadas de ambos os países. Mais do que um Exc, a Operação (Op) CORE representa um marco na modernização da Doutrina Militar Terrestre (DMT) brasileira, contribuindo para a adaptação a cenários de Op de multidomínio e ao emprego de tecnologias avançadas.

Neste artigo, será analisado como a Op CORE transcende o campo operacional, promovendo inovações doutrinárias e estabelecendo um caminho estratégico para fortalecer a capacidade de integração e resposta do Exército Brasileiro (EB) às demandas do campo de batalha contemporâneo.

OS PRIMEIROS PASSOS

Entre 2013 e 2021, o EB e o Exército Sul dos EUA desenvolveram uma ampla parceria, consolidada pelo “Plano de 5 anos”, idealizado durante a XXIX Conferência Bilateral de Estado-Maior (CBEM) em 2013 e aprovado na XXXI CBEM em 2015. Neste mesmo ano, o Decreto nº 8.609 promulgou o Acordo de Cooperação em Matéria de Defesa, reforçando o compromisso bilateral com treinamentos e Exc conjuntos.

O planejamento avançou com reuniões multissetoriais, destacando-se a criação do Grupo de Trabalho Op *Culminating*, com foco em treinamento, logística e interoperabilidade.

Após intensas etapas preparatórias, que incluíram visitas ao *Joint Readiness Training Center* (JRTC) e aprovação da participação de tropas brasileiras pela FORSCOM em 2018, o Exc *Culminating* ocorreu de janeiro a fevereiro de 2021, no JRTC, com 210 militares brasileiros. A atividade testou a prontidão e a interoperabilidade da tropa brasileira com a 82ª Divisão Aerotransportada dos EUA, culminando com o desfecho do exitoso Plano de 5 anos, mesmo diante dos desafios impostos pela pandemia da COVID-19.

OP CORE 2021

A primeira edição da Op CORE ocorreu no Brasil, em novembro de 2021, na região do Vale do Paraíba. O treinamento envolveu o 5º Batalhão de Infantaria Leve (5º BIL), pertencente à 12ª Brigada de Infantaria Leve Aeromóvel, e uma subunidade (SU) do Exército dos Estados Unidos (EEUA), representada por elementos da 101ª Divisão Aerotransportada (101st ABN DIV, na sigla em inglês).

As atividades desenvolvidas durante a CORE 2021 focaram em manobras ofensivas em um ambiente de combate convencional. O uso de aeronaves teve destaque, incluindo o KC-390 Millennium da Força Aérea Brasileira, empregado nos saltos de paraquedistas, além de aeronaves de asa rotativa utilizadas em Op de transporte e apoio aéreo.

Em termos tecnológicos, Sistemas de Aeronaves Remotamente Pilotadas (SARP) foram utilizados para reconhecimento aéreo, enquanto sistemas avançados de comunicação, como o Harris Falcon III, proporcionaram maior segurança nas transmissões.

Entre os materiais militares testados, destacaram-se:

- o sistema de controle de fogo automatizado para apoio de artilharia, avaliado pelas tropas brasileiras e norte-americanas;
- o conjunto do combatente individual do projeto COBRA;
- a metralhadora MINIMI;
- o binóculo de visão noturna NYX;
- o capacete ACH HC (*High Cut*); e
- o coturno na cor *coyote*.

As lições aprendidas dessa edição envolveram, sobretudo, a integração tática

entre as forças e o uso de sistemas de comando e controle (C²) interoperáveis, destacando-se como pilares para aprimorar a coordenação e a eficiência em futuras Op combinadas.

OP CORE 2022

A edição de 2022 da Op CORE foi realizada nos Estados Unidos, no *Joint Readiness Training Center* (JRTC), no estado de Louisiana, marcando mais uma vez a presença das tropas brasileiras em solo norte-americano no contexto desta parceria. O preparo e o treinamento para Exc envolveram uma SU do 5º BIL, enquanto EEUA foi representado pelo 2º Batalhão do 506º Regimento de Infantaria, integrante da 101st ABN DIV.

As atividades focaram principalmente no assalto aeromóvel, seguido pela manutenção do terreno conquistado e prosseguimento para nova ofensiva. As tropas foram treinadas em combates urbanos e Op em áreas densamente povoadas. O emprego de aeronaves foi ampliado, destacando-se a utilização dos helicópteros *Black Hawk* e *Chinook* para transporte de tropas e Op de evacuação. Em termos tecnológicos, a edição de 2022 apresentou um aumento significativo no uso de óculos de visão noturna (OVN), proporcionando maior imersão das tropas brasileiras no contexto da guerra moderna. Além disso, novos coletes balísticos, mais leves, foram testados para melhorar a mobilidade das tropas.

As lições aprendidas concentraram-se no combate em áreas urbanas e na utilização de inteligência em tempo real para a tomada de decisões rápidas e precisas, fortalecendo a capacidade operacional das forças envolvidas.

OP CORE 2023

A Op CORE 2023 foi realizada no Brasil, com o preparo das tropas ocorrendo no Comando Militar do Norte, mais especificamente do 52º Batalhão de Infantaria de Selva (52º BIS), pertencente à 23ª Brigada de Infantaria de Selva, em Marabá-PA, e de uma SU norte-americana da 101st ABN DIV.

O tipo de combate desenvolvido foi predominantemente ofensivo, com ações de infiltração em selva, assalto a posições inimigas e defesa de localidades. O emprego de aeronaves foi essencial, com helicópteros *Pantera* e *Jaguar* sendo utilizados para infiltrações noturnas e para fornecer apoio aéreo aproximado durante as ofensivas.

No campo tecnológico, destacou-se o amplo uso de SARP de categoria 0, equipados com

câmeras térmicas para reconhecimento em condições de baixa visibilidade. Somando-se a isso, sistemas de comunicação criptografados foram empregados para evitar interferências eletrônicas. Materiais militares modernos, como capacetes equipados com sistemas de integração de comunicação, foram testados com o objetivo de aprimorar a consciência situacional dos soldados.

As lições aprendidas concentraram-se nos desafios de operar em ambientes de selva, caracterizados por mobilidade reduzida. Entretanto, a importância do apoio aéreo e do uso de SARP foi amplamente validada, destacando-se como recursos indispensáveis para Op neste tipo de ambiente.

OP CORE 2024

A edição de 2024 da Op CORE foi realizada novamente no JRTC, envolvendo basicamente as mesmas tropas do 52º BIS e da 101st ABN DIV do ano anterior.

As atividades desta edição abrangeram manobras ofensivas e defensivas, com foco em combate em ambientes urbanos e em áreas de selva. Os meios aéreos empregados incluíram helicópteros *Black Hawk* e *Chinook*, além de SARP em missões de reconhecimento e ataque de precisão.

Um dos pontos de destaque, com foco em estímulo à inovação, foi a aplicação do conceito do *Large Scale-Long Range Air Assault* (L2A2) ou Assalto Aéreo de Longo Alcance e Larga Escala (tradução nossa); o emprego do *Mobile Brigade Combat Team* (MBCT) ou Brigada de Combate Móvel (tradução nossa); e das *Infantry Squad Vehicle* (ISV) ou Viaturas de Grupo de Combate (tradução nossa) (AUSA, 2024).

O uso de tecnologias avançadas foi ainda mais significativo em comparação às edições anteriores, com a introdução de materiais mais leves, compactos e mais resistentes, projetados para proporcionar maior mobilidade e eficiência em todos os níveis.

As lições aprendidas nesta edição reforçaram a necessidade de uma maior integração entre os diferentes ramos das Forças Armadas, especialmente em Op conjuntas de alta complexidade. Adicionalmente, destacaram-se a importância da centralização de meios, a redução de estruturas e o emprego de aparatos digitais em todos os escalões, como fatores cruciais para o sucesso em cenários operacionais contemporâneos.

IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA DOCTRINA MILITAR TERRESTRE

A Op CORE tem sido crucial para o desenvolvimento da DMT brasileira, promovendo a incorporação de novas tecnologias e a adaptação às Op no multidomínio. O intercâmbio com o EEUA possibilitou avanços significativos, como o uso de SARP, sistemas de controle de fogo automatizados e comunicações criptografadas, modernizando as capacidades operacionais e aprimorando a eficiência tática da Força Terrestre (F Ter).

A integração de sistemas de Comando e Controle, aliada à revisão sistemática de processos e aprimoramentos logísticos, elevou a coordenação e a autonomia das tropas. Adaptações em equipamentos, como coletes balísticos mais leves, também melhoraram a mobilidade e o desempenho dos soldados.

Com previsão de continuidade até 2028, as Op CORE têm funcionado como um laboratório para a validação e o desenvolvimento de materiais, de novas táticas e de procedimentos, fortalecendo a interoperabilidade e promovendo a modernização contínua da DMT. Esse legado prepara o EB para enfrentar os desafios futuros, especialmente em ambientes urbanos e em cenários de guerra tecnológica.

UMA VISÃO DE FUTURO PARA AS OPERAÇÕES CORE

As Op CORE têm o potencial de consolidar-se como uma plataforma estratégica de experimentação doutrinária, permitindo à F Ter testar e validar novas capacidades operacionais em um ambiente controlado e integrado. Esta característica posiciona a CORE como um laboratório essencial para a adaptação e inovação militar, capacitando o EB a enfrentar os desafios de um campo de batalha em constante evolução.

A médio prazo, a ampliação do escopo das Op CORE poderá incluir intercâmbios em áreas de crescente relevância estratégica, como guerra eletrônica, cibernética, operações de informação (Op Info) e assuntos civis. Capacidades como comunicação social, defesa do litoral, defesa antiaérea, artilharia e engenharia também poderão ser incorporadas às manobras, proporcionando uma visão mais ampla e integrada das funções de combate. Essas inclusões não apenas diversificarão o treinamento combinado, mas também oferecerão oportunidades para a modernização da DMT, ao permitir a integração de diferentes capacidades operacionais em um mesmo Exc.

Além disso, o modelo da CORE possui o potencial de expandir seu alcance para além da parceria com os Estados Unidos, engajando forças armadas de países com experiência em conflitos recentes. Nações que enfrentaram desafios em guerras convencionais, híbridas ou assimétricas possuem lições valiosas que podem acelerar a evolução da F Ter. Essa expansão estratégica fortaleceria a interoperabilidade multinacional e proporcionaria uma perspectiva mais ampla sobre as melhores práticas em cenários de combate moderno.

A exploração de atividades combinadas com outras forças pode abrir novas frentes de cooperação em tecnologia e inovação, com destaque para o uso de inteligência artificial, drones e sistemas de C² interoperáveis. A integração dessas capacidades permitiria ao Brasil desenvolver forças-tarefa combinadas altamente especializadas, prontas para operar em cenários de Op no multidomínio. Essas forças poderiam ser empregadas em missões de alta complexidade, como combate em áreas urbanas, defesa de infraestruturas críticas e Op de estabilização.

A longo prazo, as Op CORE podem desempenhar uma função crucial na redefinição do papel do Brasil no cenário militar internacional, contribuindo para o fortalecimento de parcerias estratégicas e para a criação de uma rede de aliados capacitados a responder coletivamente a crises regionais e globais. A participação em Exc com forças de diferentes culturas e doutrinas militares também fomentará a troca de experiências e a construção de confiança mútua, elementos fundamentais para o sucesso em Op combinadas.

Por fim, ao expandir e diversificar as Op CORE, o Brasil pavimentará o caminho para uma modernização abrangente de sua F Ter, alinhando-se às melhores práticas globais e fortalecendo sua capacidade de dissuasão e projeção de poder. Este modelo de cooperação e experimentação contínua permitirá à F Ter não apenas se adaptar às demandas do campo de batalha contemporâneo, mas também liderar iniciativas regionais e globais de segurança e defesa, consolidando sua posição como uma força inovadora e integrada no contexto internacional.

CONCLUSÃO

As Op CORE emergem como uma janela de oportunidade para a modernização e evolução da F Ter, estabelecendo-se como um modelo de cooperação militar que transcende o

treinamento tático. Mais do que um Exército anual, a CORE atua como um catalisador de inovação doutrinária e tecnológica, proporcionando um ambiente controlado para testar, validar e adaptar capacidades essenciais à guerra moderna.

À medida que os desafios do campo de batalha evoluem para cenários de Op no multidomínio, a continuidade e a expansão da CORE tornam-se fundamentais para preparar o EB para conflitos de alta complexidade. A incorporação de novas áreas de intercâmbio, como guerra cibernética, guerra eletrônica, Op Info e defesa antiaérea, não apenas diversificará os treinamentos, como fortalecerá a interoperabilidade e a integração entre forças amigas.

No longo prazo, a CORE oferece uma base estratégica para ampliar parcerias com

nações que possuem experiência recente em conflitos modernos, acelerando a curva de aprendizado da F Ter. Ao integrar práticas e tecnologias globais, o Brasil poderá consolidar seu papel como um ator relevante no cenário de segurança internacional, contribuindo para a formação de uma rede de aliados capacitados e prontos para responder a crises regionais e globais.

Portanto, a continuidade das Op CORE representa mais do que uma estratégia de treinamento combinado: reflete o compromisso do Brasil em buscar excelência operacional e fortalecer sua capacidade de dissuasão. À proporção que a CORE evolui, ela se afirma como um exemplo de como a cooperação internacional pode servir como pilar para a inovação, modernização e preparação da F Ter diante dos desafios do século XXI.

REFERÊNCIAS

- AUSA. *Army's First Mobile Brigade Combat Team Prepares for JRTC*. Disponível em <https://www.ausa.org/news/armys-first-mobile-brigade-combat-team-prepares-jrtc>. Acesso em: 20 out. 2024.
- BRASIL. **CORE2021**. Vídeo oficial. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=V2yDZ7ECof0>. Acesso em: 20 out. 2024.
- BRASIL. **CORE 2022**. Vídeo oficial. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QWRChlHVxPA>. Acesso em: 20 out. 2024.
- BRASIL. **CORE2023**. Vídeo oficial. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ST2PaOhToZ4>. Acesso em: 20 out. 2024.
- BRASIL. **CORE2024**. Vídeo oficial. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=sINSO7YE5lc>. Acesso em: 20 out. 2024.
- FERREIRA, O. *Relações Brasil-Estados Unidos: Segurança e Diplomacia no Contexto do Pós-Guerra Fria*. Brasília: FUNAG, 2007.
- HARRIS, R. *Brazil and the EUA: Convergence and Divergence*. Athens: University of Georgia Press, 2002.
- MAGALHÃES, Rodrigo. **Os Exercícios CORE e a preparação da 12ª Brigada de Infantaria Leve (Aeromóvel): principais ações realizadas e seus reflexos**. Blog do Exército, 2022. Disponível em: https://eblog.eb.mil.br/w/os-exercicios-core-e-a-preparacao-da-12-brigada-de-infantaria-leve-aeromovel-principais-acoes-realizadas-e-seus-reflexos?p_l_back_url=%2Fsearch%3Fq%3DCORE&p_l_back_url_title=Search. Acesso em: 20 out. 2024.
- McCANN, Frank D. *Brazil and the United States during World War II and Its Aftermath*. New York: Springer, 2007.
- MOTA, Dardano do Nascimento. **Operação CORE: Um importante capítulo da relação Brasil-EUA**. Blog do Exército, 2022. Disponível em: <https://eblog.eb.mil.br/w/operacao-core-um-importante-capitulo-da-relacao-brasil-eua>. Acesso em: 20 out. 2024.

SOBRE O AUTOR

O Major de Infantaria ALEXANDRE SHOJI é Formulador de Doutrina do Centro de Doutrina do Exército. Foi declarado Aspirante a Oficial em 2004, pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Coursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais em 2013. No biênio 2020-2021, frequentou o Curso de Comando e Estado-Maior da ECEME. Possui curso de Especialista em Missão de Paz pelo Centro Conjunto de Operações de Paz do Chile (CECOPAC/2015) e curso de Observador Militar pelo CCOPAB/2016. Compôs o 6º Contingente Brasileiro de Força no Paz no Haiti em 2006/2007. Foi instrutor e Chefe da Seção CIMIC no Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB) em 2011/2012. Foi observador militar na Missão das Nações Unidas para Estabilização da República Centro Africana, atuando como Oficial de Informações, Operações e CIMIC em Team Site e na Célula de Coordenação de Observadores Militares do Quartel General em 2016/2017. Em 2022, atuou como mentor CIMIC na Operação Viking 22 e foi painelistas sobre Desarmamento, Desmobilização e Reintegração no 2º Simpósio de Assuntos Cíveis do EB. No biênio 2022-2023, foi relator do tema e coordenador da direção do exercício na Operação Paraná III, 1ª e 2ª fases. (shoji.alexandre@eb.mil.br).